

THE LAST REMAINING LIGHT:*O SUICÍDIO DE CHRIS CORNELL ATRAVÉS DA ÓTICA DO FAIT DIVERS

Fábio Cruz & Arthur Freire Simões Pires

Universidade Federal de Pelotas

DOI: 10.25768/20.04.01.010

Índice

1	Shadow On The Sun – Aspectos In-	
	troductórios	2
2	Hunger Strike – Apresentação dos	
	objetos de análise	4
3	Superunknown – Suicídio na mídia .	4
4	Preaching The End Of The World –	
	Mídia e Sensacionalismo	6
5	Out Of Exile – O Fait divers barthe-	
	siano	7
6	Wide Awake – Análise e apresenta-	
	ção dos resultados	8
7	Head Down – Considerações finais .	10
8	Songbook – Referências Bibliográ-	
	ficas	10

*Música presente no disco Audioslave, homônimo à banda a qual lançou o trabalho. A tradução livre da canção é A Última Luz Remanescente. Sua escolha é devido a uma homenagem ao cantor que faz parte do corpus do estudo. Ou seja, seu uso tem cunho metafórico, como a “luz do fim do túnel”, especialmente devido a outra temática trabalhada no corpus, o suicídio. O refrão da obra significa (tradução livre): “se você não acredita que o Sol vai se levantar, fique sozinho e cumprimente a noite que vem, na última luz remanescente”.

© 2020, Fábio Cruz & Arthur Freire Simões Pires.

© 2020, Universidade da Beira Interior.

O conteúdo deste artigo está protegido por Lei. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação da totalidade ou de parte desta obra carece de expressa autorização do editor e do(s) seu(s) autor(es). O artigo, bem como a autorização de publicação das imagens, são da exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

1 Shadow On The Sun² – Aspectos Introdutórios

A madrugada entre os dias 17 e 18 maio de 2017 foi marcada por uma notícia que trouxe o luto sobre os fãs de um dos músicos considerados mais importantes para o movimento Grunge³. Noticiava-se a morte de Chris Cornell⁴, até aquele momento, sem causa confirmada.

Após um show, realizado em Detroit (Michigan, EUA), o cantor causou estranhamento em sua esposa, Vicky. A maneira a qual ele falava não condizia com seu comportamento usual. Segundo ela, durante uma ligação telefônica, suas palavras soavam arrastadas, com erros nos dizeres e, em algumas vezes, apresentavam uma maneira mais agressiva de se expressar.

Assim que a conversa se encerrou, Vicky entrou em contato com o segurança particular de Cornell, Martin Kirsten, e relatou suas suspeitas. Com isso, o funcionário foi ao quarto do cantor e – sem sucesso – não conseguiu resposta alguma. O guarda-costas arrombou duas portas, a do apartamento em que o rockstar estava hospedado e a de seu quarto, até que encontrou o compositor caído, com sangue escorrendo de sua boca e uma faixa de exercícios físicos vermelha em volta de seu pescoço.

Começa-se a questionar a sobriedade de Cornell. Algum tempo depois, quando feita a autópsia, foram descobertas no organismo do músico Butalbital⁵, Lorazepam⁶ (quatro doses), Naloxona⁷, Pseudoefedrina⁸ e cafeína⁹. Segundo estudo do psiquiatra, Tyler

² Canção do disco Audioslave, da banda Audioslave, lançado em 2002. Sua tradução (livre) significa “Sombra no Sol”. Na música, o eu-lírico se coloca – dentro da poesia da música – como a sombra no Sol e, ao longo da letra ele se coloca como sabedor de alguns conflitos existenciais estabelecidos. Ela foi escolhida para a Introdução como um símbolo de luto em homenagem ao músico.

³ Grunge é um estilo surgido em Seattle, Washington, EUA. Também conhecido como Seattle Sound, o subgênero do Rock, surgiu do movimento underground e independente da cidade. Influenciado por outros subgêneros como Punk Rock e Heavy Metal, o Grunge se destacou entre a segunda metade da década de 1980 e a primeira metade da década de 1990. Com letras majoritariamente de cunho introspectivo, crítico quanto a questões sociais e conflitos existenciais, o estilo tem como artistas-símbolo os grupos Nirvana, Soundgarden, Alice In Chains, dentre outros.

⁴ Nome artístico de Christopher John Boyle, músico, vocalista, guitarrista e baterista de projetos como Soundgarden (1984 – 1997, 2010 – 2017), Audioslave (2001 – 2007, 2017), Temple Of The Dog (1990 – 1992), além de sua carreira como artista solo.

⁵ Composto químico de uso terapêutico, utilizado como anti-epiléptico, sedativo e no tratamento de insônia. Um dos efeitos colaterais, quando utilizado em doses contraindicadas ao paciente, é depressão profunda. O medicamento também pode causar sonolência, tremor constante (ou persistente), *shuffling walk* (propensão a tropeçar, dificuldade em manter equilíbrio – tradução livre), febre, dificuldade em respirar, além de outros efeitos. Disponível em www.drugs.com/fioricet.html.

⁶ Conhecido comumente como Ativan, é um medicamento utilizado para pacientes os quais sofrem de ansiedade. Seus efeitos colaterais, quando ingerido em excesso, podem ser: confusão, inibição de formação de novas memórias (quando sob efeito) e ataxia (perda da coordenação motora). Além disso, o Lorazepam pode ocasionar, segundo o psiquiatra Tyler Dodds (psiquiatra formado na Universidade de Yale), autor do artigo *Prescribed Benzodiazepine and Suicide Risk* (“Benzodiazepinas Prescritas e Risco de Suicídio” – tradução livre), uma elevação do risco de suicídio, como o nome de seu trabalho propõe. Disponível em www.drugs.com/lorazepam.html.

⁷ Substância utilizada para reverter ou bloquear opiáceos (que são substâncias utilizadas para aliviar dores, como morfina). Utilizados para tratar overdoses narcóticas em situações de emergência. Em caso de overdose, os sintomas passam por: tremores, taquicardia, aumento da pressão sanguínea, irritabilidade, nervosismo, calafrios, tremeliques, coriza, dentre outros. Disponível em www.drugs.com/naloxone.html.

⁸ É um descongestionante que diminui os vasos sanguíneos nas passagens nasais, utilizado no tratamento de congestão nasal, conseqüentemente. Seus efeitos colaterais vão de tontura severa, ou ansiedade severa, pressão sanguínea perigosamente alta (ocasionando, visão borrada, dores no peito), dentre outros sintomas. Disponível em www.drugs.com/ephedrine.html.

⁹ A cafeína pode gerar insônia, ansiedade, irritabilidade, náuseas, dores de cabeça, reações alérgicas, palpitações, aumento da pressão sanguínea, dores no peito, dentre outros sintomas, quando consumida em excesso. Disponível em www.drugs.com/caffeine.html.

Dodds (2017)¹⁰, as duas primeiras substâncias agem nos mesmos receptores do corpo humano e, a partir disso, acontece um aumento dos efeitos colaterais.

*The majority of the studies found that benzodiazepines were associated within creased suicide risk. This finding was consistente across various populations and diferente types of research, including a placebo-controlled crossover trial, a laboratory model of suicidal behavior, case-control studies regarding completed suicides on in patient units, and large naturalistic studies.*¹¹ (Dodds, 2017)¹²

O artigo Prescribed Benzodiazepines and Suicide Risk, do médico americano, expõe números e relações entre efeitos colaterais dos medicamentos que, no caso, podem impulsionar suicídios.

A morte do vocalista foi um choque para o mundo da música, visto que ele tinha 52 anos e outros vocalistas de seu estilo (o grunge) já eram falecidos, restando apenas um dos *frontmen*¹³ das principais bandas do subgênero¹⁴. As primeiras horas tiveram grandes movimentações nas mídias sociais de ex-colegas de banda, de profissão, além de companheiros de vida. Ao passo que a perícia foi desco-

brindo mais conteúdo do falecimento de Cornell, mais informações eram divulgadas pelos veículos jornalísticos. No dia 18 de maio, o mundo recebia a notícia do suicídio do músico.

Ao analisarmos dados estatísticos da Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 800 mil pessoas se suicidam anualmente, e quando se trata de tentativas de suicídio, o número é ainda maior.

Do ponto de vista científico, mais especificamente da suicidologia, já se sabe que, na maioria absoluta dos casos (aproximadamente 90%), o autoextermínio está associado a patologias de ordem mental diagnosticáveis e tratáveis, razão pela qual não é mais possível dizer que alguém com o ímpeto esteja irremediavelmente condenado a cometê-lo (Trigueiro, 2015, p. 12).

Por conta disso, no presente artigo, voltaremos nossas atenções à notícia do suicídio de Chris Cornell, utilizando como base teórica a categoria do *fait divers*, formulada pelo sociólogo francês Roland Barthes. Os fatos diversos, ou casos do dia, se dão por uma conceituação a partir de tipologias de artifícios noticiosos na busca pela atenção cativa do público o qual consome a notícia.

¹⁰ Formado em medicina pela Yale University, com residência e estágio na Harvard LongwoodPsy. Dodds é especializado em psiquiatria e atualmente faz parte do corpo médico do Austen Riggs Center, em Stockbridge, Massachusetts (EUA).

¹¹ A maioria dos estudos encontraram que benzodiazepinas foram associados a um aumento do risco de suicídio. Essa descoberta foi consistente através de várias populações e diferentes tipos de pesquisa, incluindo um *crossover trial* (teste no qual os pacientes são submetidos a várias formas distintas de tratamento) controlado por placebo, um modelo laboratorial de comportamento suicida, estudos de caso e controle sobre suicídios em unidades de internação e grandes estudos naturalistas. (Tradução livre)

¹² Disponível em www.psychiatrist.com/PCC/article/Pages/2017/v19n02/16r02037.aspx.

¹³ Frontman é uma expressão que, na tradução literal, significa “homem da frente”. No mundo da música, se refere ao (s) músico (s) que fica à frente da banda, um dos membros de maior exposição visual.

¹⁴ De cinco grandes bandas do grunge, apenas o Pearl Jam, do vocalista Eddie Vedder, ainda tem seu “cantor original” vivo. Figuras como Laney Stanley (Alice In Chains), Kurt Cobain (Nirvana), Scott Weiland (Stone Temple Pilots) e, agora, Chris Cornell vieram a falecer.

¹⁵ Sendo dois grandes veículos de renome internacional, ambos tiveram conteúdo autoral e cobertura da pauta. O Times é o jornal de segunda maior circulação nos EUA e a agência de notícias Associated Press teve seu conteúdo usado como referência para diferentes jornais brasileiros e americanos. Desta forma, eles comprovam relevância para serem utilizados como *corpus* do trabalho.

A partir disso, buscamos jornais que apresentaram material autoral sobre o acontecimento, chegando à Associated Press e ao The New York Times¹⁵. Assim, a partir de uma abordagem barthesiana, analisaremos as matérias jornalísticas a respeito da morte do rockstar – a partir dos seus elementos noticiosos – de ambos os veículos acima mencionados.

Uma vez que existe uma divergência de opiniões entre a classe profissional quando se trata de noticiar um suicídio, consideramos imprescindível um estudo sobre a maneira a qual a pauta é tratada. Especialmente no caso de uma figura globalmente conhecida – que era o caso de Cornell – este fator contribui para a avaliação do tratamento dos repórteres com a narrativa textual.

Para entender a ideia trabalhada, precisamos compreender o conceito de “sensacionalismo” estudado no presente artigo. Adotando a obra de Angrimani (1995), a definição de dicionário para o termo se dá por uma conjectura exagerada do conteúdo, a qual busca usar elementos que espantam, assustam, impactam. É a tentativa de “pescar”¹⁶ emoções mais acentuadas, profundas, como exemplifica a teoria de Roland Barthes.

2 Hunger Strike¹⁷ – Apresentação dos objetos de análise

Chris Cornell foi um músico nascido em Seattle (EUA), onde começou sua carreira como

baterista e, por conta de sua virtuosidade, se expandiu à guitarra, ao contrabaixo e aos vocais. O multi-instrumentista é conhecido por seu trabalho no Soundgarden, uma das bandas consideradas mais icônicas do movimento Grunge. Além disso, em 1991, alguns integrantes desse conjunto formaram um supergrupo¹⁸ – o Temple of the Dog – com membros do grupo Pearl Jam, em homenagem a um amigo dos músicos.

Após o término do conjunto de Seattle, o cantor, o qual se destacava por ser o principal compositor do grupo, iniciou uma carreira solo produzindo músicas que marcariam a sua carreira. No entanto, pouco tempo depois de seu primeiro disco solo – Euphoria Morning – ele se juntou com os instrumentistas da banda Rage Against The Machine para formar o Audioslave.

Depois de três álbuns lançados, o fim deste novo supergrupo foi dado e Cornell voltou novamente suas atenções à carreira solo com mais três discos até o anúncio da volta do Soundgarden (em 2010). A banda, no fim de 2012, anunciou King Animal, mais um long-play para a sua discografia. Já o ano de 2015 contou com mais um lançamento de disco de Cornell e, pouco tempo antes de sua morte, o músico havia publicado em suas mídias sociais o single The Promise, de um novo trabalho.

3 Superunknown¹⁹ – Suicídio na mídia

¹⁶ O termo “pescar” é empregada como uma metáfora ilustrativa. O sujeito que aplica os artifícios sensacionalistas para atingir as sensações do receptor e buscar sua atenção cativa. Ou seja, as ferramentas do *fait divers* para prender o consumidor da informação, como um anzol em relação a um peixe.

¹⁷ Música presente no álbum Temple Of the Dog (1991), da banda homônima. Sua tradução (livre) significa “Greve de fome”. A utilização se dá no porquê do disco. O álbum foi uma homenagem à Andrew Woods, amigo dos músicos que havia falecido. Os autores do presente trabalho escolheram a canção como uma forma de homenagem a Chris Cornell.

¹⁸ Quando músicos de diferentes bandas conhecidas em um cenário musical se juntam em um conjunto só, é chamado de supergrupo. A categorização se deve a relevância dos músicos em relação a cena musical em que estão inseridos.

¹⁹ Nome do quarto disco da banda Soundgarden, e nome da sétima música do mesmo disco. A escolha desta canção para o tópico deve-se à sua tradução (livre): Superdesconhecido. De forma que há um desconhecimento de vários dos profissionais de imprensa sobre as indicações e maneiras de noticiar o suicídio.

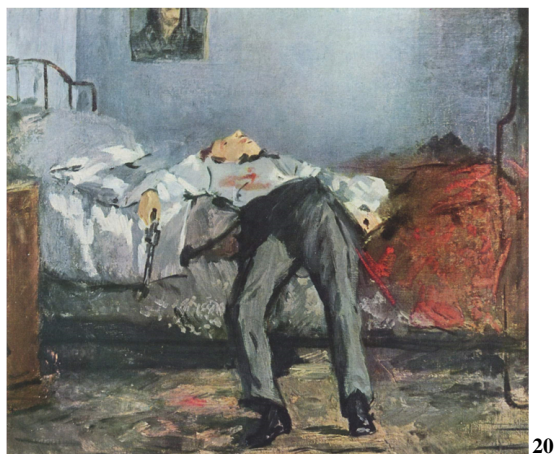


Figura 1. *Le Suicidé*, de Édouard Manet. Óleo sobre tela. 1877-1881.²¹

“Chris Cornell morre aos 52 anos”, foi a notícia espalhada e divulgada no primeiro momento. Depois disso, quando confirmado o suicídio, alguns veículos estampavam este autocídio nos títulos de suas matérias. É muito raro ver uma notícia de morte causada pela própria pessoa ser noticiada, seja no Brasil quanto no resto do mundo. Por conta disso, quando um ícone comete este tipo de ação, é quase uma obrigação falar sobre este assunto, não só pelo que significa o suicida, mas pela influência dele sobre o seu público.

Em artigo publicado no Observatório da Imprensa²², Grando disserta, logo na primeira frase do texto, sobre uma espécie de pacto feito historicamente. Segundo ela,

existe uma convenção profissional extra-oficial, uma espécie de acordo entre cavalheiros, que determina: suicídios não serão noticiados pela grande imprensa. Ninguém sabe exatamente quando foi que este

acordo foi selado, nem precisamente por que.²³

Nesse sentido, Trigueiro (2015) expõe que a falta de espaço na discussão desta causa dentro da mídia se dá devido a uma desinformação. Além disso, o autor também coloca que, assim como vacinas, medicamentos e outros métodos de prevenção de doenças foram altamente difundidos ao longo da história. Portanto, a precaução e a acessibilidade para ajuda em casos de possíveis suicidas não deveriam ser diferentes.

Considerando a dificuldade da difusão de informações de ajuda para este tipo de problema, a OMS (2000) lançou “Prevenção do Suicídio: um manual para profissionais da mídia”, a partir do qual a Organização disserta sobre a questão história do espalhar de histórias de suicidas. Segundo ele, “os suicídios que mais provavelmente atraem a atenção dos meios de comunicação são aqueles que fogem aos padrões usuais. Na verdade, chama a atenção o fato de que os casos mostrados na mídia

²⁰ A arte influencia e contribui na expressão e formação dos seres humanos. O cantor que é pauta do corpus a ser analisado tem reconhecimento global por sua carreira artística. Por conta disso, acreditamos que a integração das diferentes artes contribui positivamente para a ilustração e o despertar da sensibilidade quanto ao tema tratado.

²¹ A pintura *Le Suicide*, de Édouard Manet, foi empregada como uma forma de ilustração.

²² Disponível em <http://observatoriodaimprensa.com.br/so-bre/>.

²³ <http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/o-suicidio-na-pauta-jornalistica/>

são quase que invariavelmente atípicos ou incomuns”²⁴ (a partir disso, já há uma ligação muito forte entre o noticiar de um suicídio e o *fait divers*). Portanto, o documento se mostra significativo da narrativa jornalística, auxiliando na prevenção da catástrofe que é o fim de uma vida.

Além de citar fontes confiáveis para busca de dados, o manual indica cuidados na leitura deles. Uma das recomendações no noticiar de um autocídio é evitar a generalização (outra omissão do código de ética dos jornalistas brasileiros, a omissão em relação a qualquer generalização), e o uso de termos que sistematizam os índices de autodestruição²⁵.

Ademais, em casos específicos de suicídio, o guia coloca sete itens indicando formas específicas de manuseio das informações.

A cobertura sensacionalista de um suicídio deve ser assiduamente evitada, particularmente quando uma celebridade está envolvida. A cobertura deve ser minimizada até onde seja possível. Qualquer problema de saúde mental que a celebridade pudesse apresentar deve ser trazido à tona. Todos os esforços devem ser feitos para evitar exageros. Deve-se evitar fotografias do falecido, da cena do suicídio e do método utilizado. Manchetes de primeira página nunca são o local ideal para uma chamada de reportagem sobre suicídio. (OMS, 2000, p. 7)

Considerando isso, abordaremos, a seguir,

a relação Mídia e Sensacionalismo visando contextualizar e fomentar mais um lugar de fala para contribuir para o aprofundamento da análise. Desta maneira, acreditamos ser possível criar um estudo mais embasado ao passo que se associa o suicídio na mídia e o uso do sensacionalismo.

4 Preaching The End Of The World²⁶ – Mídia e Sensacionalismo

A discussão do uso do sensacionalismo (poderíamos dizer, por vezes, até sobre um supersensacionalismo²⁷) é frequente na academia e no exercício da profissão (ou seja, no mercado de trabalho), sendo costumeiramente colocado em debate quanto à questão ética da profissão.

Angrimani (1995) explica que o termo é conduzido a uma imprecisão por conta de um mau entendimento, causando uma deturpação do termo. Desta forma, ele é sempre visto como algo necessariamente depreciativo, indo além do exagero. De maneira que, devido a esta ressignificação causada pelo senso comum, o fazer “sensacionalismo” seja interpretado como deslizos das linhas editoriais, imprecisões e distorções das informações levadas aos receptores.

Apesar dessa radicalização do termo, Ramos (2004, p. 5) coloca, em um de seus ensaios, que “em maior ou menor grau, a Mídia é sensacionalista por natureza. É o agente da interpelação que busca o reconhecimento interpelado e sua conseqüente submissão. (...) Não há como abdicar do Sensacionalismo, explícito ou implícito, mas presente”. Ou seja,

²⁴ Disponível em http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/67604/7/WHO_MNH_MBD_00.2_por.pdf. p. 4.

²⁵ Como “epidemia de suicídios”, “surto de suicídios”, “o lugar com maior taxa de suicídios do mundo”.

²⁶ Música presente no disco solo de Chris Cornell, *Euphoria Morning* (1999). Na tradução (livre): Pregando o fim do mundo. Uma ironia utilizada pelos autores numa relação direta com o tema tratado no tópico: o exagero e a relação mídia e sensacionalismo.

²⁷ O supersensacionalismo, no caso, se refere a comunicadores e veículos que transformam o chocante em uma bengala espetacular. Ou seja, instrumento de apoio para o (s) programa (s) quase sempre no ápice do espetáculo, com isso, sempre secundarizando o conteúdo principal e dramatizando seus elementos – relação direta com o *fait divers*. Alguns ícones seriam programas televisivos como *Brasil Urgente* (da Band TV) e *Cidade Alerta* (Rede Record), por exemplo.

o chocante e o esdrúxulo serão ressaltados de alguma maneira.

A questão por trás do tópico aqui colocado é a forma como é apresentada a informação. Levando em conta esta perspectiva, todo conteúdo jornalístico, de alguma maneira, visa aproximar, causar, ou prender a audiência, mas, no caso, ela pode extrapolar questões morais, éticas e de bom senso. Portanto, o polemizado deve ser a quase exclusividade do uso de elementos que tangem o fait divers em uma matéria jornalística, então secundarizando a mensagem e visando apenas lucratividade e audiência. Com isso, colocamos na discussão a questão do suicídio, trabalhada ao longo do artigo, considerada pelos autores, um tabu na mídia brasileira e mundial.

5 Out Of Exile²⁸ – O Fait divers barthesiano

Como dito anteriormente, o trabalho toma como principal norte teórico a categoria fait divers, de Barthes (1964). A partir de seus estudos, o pensador francês analisou diferentes usos exacerbados de sensacionalismo na mídia e assim passou a categorizar e subcategorizar esta utilização.

Os dois gêneros dos casos do dia são os de causalidade e de coincidência. Cada um apresenta dois subtipos e todos os termos tem uma explicação dentro do fenômeno. O fait divers de causalidade tem como “descendentes” a causa esperada e a causa perturbada. Já o de consequência traz a antítese e a repetição.

O conceito dos fatos diversos de causa esperada se dá pela identificação do público com o assunto tratado. Como seu próprio nome diz, a causa é esperada, ou seja, o desenrolar da notícia tende a ser dedutível. Mas uma outra tendência dele, tornando-se seu diferencial, por assim dizer, é o *dramatis personae* (per-

sonagem dramático). Desta forma, a história terá uma centralização em algum personagem em algum tipo de situação de risco ou vulnerabilidade, produzindo – esta é a intenção – uma forma de consternação para o público.

O segundo subtipo é o de causa perturbada. “Na causa perturbada ocorrem fatos excepcionais, espantosos, que implicam perturbação, conflito. Há um efeito (o conflito surge daí)”. Destarte, “a causa é desconhecida, imprecisa ou, até mesmo, ilógica, sem sentido. Não obstante, uma pequena causa pode provocar um grande efeito. Há uma riqueza de desvios causais” (Cruz, Curi. 2015, p. 75). Naturalmente, há um enfoque maior na origem da causa para o efeito ocasionado, devido à imprevisibilidade dela.

O outro tipo de fait divers, o de coincidência, tem a repetição e a antítese como suas subtipologias. Barthes coloca que a repetição faz com que o receptor possa imaginar uma causa desconhecida, enquanto acompanhada de um efeito. Como apontam Cruz e Curi (2015), o repetir da informação ocasiona o imaginar de uma causa desconhecida, a qual ocorre em diferentes circunstâncias.

A antítese une dois termos opostos, como se nunca tivessem sido, estabelecendo a noção de conflito, disponibilizando a emocionalidade. Em cada termo, pertencendo a um percurso autônomo de significação, a relação de coincidência apresenta, como função paradoxal, fundir dois percursos diferentes em um percurso único (Ramos, 1999).

Assim, todo *fait divers* comporta pelo menos dois termos, ou, se se preferir, duas notações. E pode-se muito bem levar adiante uma primeira análise do *fait divers* sem se referir à forma e ao conteúdo desses dois termos: a sua forma, porque a fraseologia da narrativa é estranha à

²⁸ Canção-título do segundo álbum da banda Audioslave, de 2005. Sua tradução (livre) significa “Fora de Exílio”. Foi selecionada como título do tópico como um posicionamento nosso em relação a suicídio na mídia, visto como

um tabu. Portanto, simbolizando a saída de um exílio de fala através da teoria trabalhada.

estrutura do fato contado, ou, para ser mais preciso, porque essa estrutura não coincide fatalmente com a estrutura da língua, se bem que só a possamos atingir através da língua do jornal: a seu conteúdo, porque o importante não são os próprios termos, o modo contingente como são saturados (por um crime, um incêndio, um roubo etc.), mas a relação que os une. É essa relação que se deve interrogar primeiro, se se quer apanhar a estrutura do *fait divers*, isto é, seu sentido humano. (Barthes, 1964, p. 2)

Conforme dito anteriormente, analisaremos duas notícias sob o olhar da teoria barthesiana por conta da gravidade a qual o assunto suicídio apresenta. Levando isso em consideração, Trigueiro (2015) critica abertamente a omissão dos veículos quando o assunto é a autodestruição, assim como critica o mito do “não falar sobre” por conta de outro mito, o de crescimento de números quando noticiado o suicídio. O estudo consiste em buscar a aplicação dos conceitos de Barthes nos textos e na forma pela qual o acontecimento foi informado aos receptores.

6 Wide Awake²⁹ – Análise e apresentação dos resultados

A primeira parte da análise será conjunta e abordará a questão dos títulos. No estampar do The New York Times há os dizeres: *Chris Cornell, Soundgarden and Audioslave Frontman, Dies at 52*³⁰. Ou seja, além do nome da vítima, são dadas duas “credenciais” de sua carreira, oferecendo ao público vínculos

de memória com seus trabalhos. Além disso, existe o destaque para a idade de morte, 52 anos. A informação choca não só pela morte de um famoso, mas por sua idade em relação à expectativa de vida do país o qual ele vivia, os EUA.³¹

Já a Associated Press escreve *Lauded rocker Chris Cornell killed himself by hanging*³². Aqui já se pode problematizar – comparativamente – ambas chamadas. O fato de se tratar de uma pessoa famosa chama a atenção. Por conta disso, as pessoas as quais se identificam, gostam ou consomem trabalhos do músico em questão, tendem a ser leitores da matéria. Assim como outras pessoas que conhecem o cantor.

Portanto, assume-se que a matéria irá ter acesso de uma fatia da audiência apenas pelo nome do artista. Ao passo em que se dá a idade dele, há o chamamento, por assim dizer, de uma outra parte do público. Especialmente, na matéria da AP, há um ponto frisado negativamente pelo manual da ONU, que é “a glorificação de vítimas de suicídio como mártires e objetos de adoração pública pode sugerir às pessoas suscetíveis que a sociedade honra o comportamento suicida. Ao contrário, a ênfase deve ser dada ao luto pela pessoa falecida”. Ou seja, a segunda matéria já começa cometendo gafes, visto que o significado da palavra “lauded” é louvado, glorificado etc.

Ambos títulos se utilizam do *fait divers* de causa perturbada. Segundo Ramos (2004, p. 68), “há o desconhecimento causal e quando uma pequena causa produz um grande efeito”. Então, uma vez que os elementos como idade e/ou fama chocam e as razões do autocídio são desconhecidas – e, no caso do NYT, não havia se falado em suicídio, naquele ponto –, forma-se a incompreensão da causa. Além disso, am-

²⁹ Música presente no trabalho *Revelations*, da banda Audioslave. Sua tradução (livre) é “bem acordado”. O tema da canção é uma crítica ao governo Bush sobre o tratamento às vítimas do furacão Katrina. O uso dela como tópico se dá por uma crítica à mídia, pelo fato de “estar bem acordada” para a questão do suicídio e de suas notícias sobre.

³⁰ Tradução livre: Chris Cornell, frontman de Soundgarden e Audioslave, morre aos 52 [anos].

³¹ A expectativa de vida de estadunidenses homens é de 77 anos.

³² Tradução livre: Louvado rockeiro Chris Cornell se mata por enforcamento.

bas publicações utilizam a antítese ao fundir Cornell (um percurso) com diferentes possibilidades (frontemen, louvado e suicida), o que será uma das tônicas das reportagens.

A partir deste ponto, analisaremos as matérias separadamente. A começar pelo The New York Times, logo nos quatro primeiros parágrafos, apenas uma declaração é trazida, no caso pelo representante de Cornell, Brian Bumbery, o qual afirma que a morte do cantor foi “repentina e inesperada”. Além disso, a matéria fala da agenda de shows da banda de Cornell que tinha apresentação marcada para dois dias depois de sua morte.

Os parágrafos quinto e sexto descrevem o panorama do momento do suicídio e do comunicado. Todos os seguintes falam sobre a linha histórica de Chris Cornell e sua carreira – e brevemente sobre o uso de drogas. O único parágrafo destacável é o décimo sexto da matéria, no qual é abordada sua guerra contra a depressão e as drogas.

Por mais que Caryn Ganz e John Leland, autores da reportagem, possam ter buscado transmitir luto e a grande perda de uma singularidade, o texto não seguiu esta ideia. No decorrer das palavras, destacava-se a bem-sucedida carreira do vocalista, sem abordar amigos, fãs ou conhecidos para ilustrar a dor que é perder alguém importante. Ademais, em nenhum momento são sugeridos números de telefone, endereços de grupos de apoio ou algum tipo de serviço os quais trabalhem com auxílio a suicidas, como indica a OMS.

Do ponto de vista barthesiano, os fatos diversos de causa perturbada aparecem novamente. Como disse Ramos (2004, p. 68), “a excepcionalidade está localizada no porquê da factualidade. Existe um efeito, porém a causa é desconhecida ou deformada pela imprecisão, ou pela ilogicidade”. Neste caso, o porquê do suicídio sequer é mencionado. Não são abordadas quaisquer razões as quais po-

deriam ter levado o cantor ao autocídio. O repórter apenas coloca no início da matéria que o resultado da autópsia ainda não estava completo. Por conta disso, deteria a informação da morte causada por si mesmo e da forma como se deu.

Na matéria assinada pelos repórteres Mesfin Fekadu e Corey Williams, da Associated Press, a abordagem foi, inicialmente, parecida. Primeiro, noticia-se, no lead, o suicídio por enforcamento. Secundariamente, é colocada a declaração do médico legista. Até este ponto, as reportagens estão bastante semelhantes.

Eis que, no terceiro parágrafo, é formulada a seguinte frase: “Cornell’s death stunned his family and his die-hard fans, who Cornell just performed for hours earlier at a show in Detroit”³³. Finalmente é apontando algum grau de impacto da morte do cantor.

Destarte, os autores falam brevemente sobre o ocorrido e começam a traçar a linha histórica do cantor. Assim, fazem uma abordagem bastante semelhante à do NYT quando falam sobre o consumo de drogas. No entanto, outro diferencial do texto se dá no uso dos tweets. Ao longo da reportagem, os repórteres da Associated Press utilizam-se de tweets de Perry Farrell, Joe Perry e de Elton John³⁴, os quais lamentaram a morte de Cornell.

Por fim, a reportagem da Associated Press comete erros parecidos com a do The New York Times, segundo o manual da OMS. O problema textual não é gramatical ou semântico, mas a forma como é tratado o assunto. Os repórteres falaram da carreira do cantor, de seu legado, mas não trataram da dor e das causas que ela trouxe.

Ao passarmos a lupa do *fait divers* sobre a matéria, continuamos detectando relações de causa perturbada. Um suicídio sempre será uma causa perturbada. É, a priori, inexplicável. É inesperado, é diferente, choca a todos. O conflito, apontado por Cruz e Curi (2015),

³³ Tradução livre: A morte de Cornell chocou sua família e seus leais fãs, quem Cornell acabara de performar um show, algumas horas mais cedo, em Detroit.

³⁴ Respectivamente, vocalista da banda Jane’s Addiction, guitarrista da banda Aerosmith e cantor britânico de carreira solo.

não é um conflito físico. Mas um ponto de interrogação, um conflito existencial sobre o efeito de causa, como colocado no autocídio que é pauta das matérias.

Os principais ganchos para se fazer conexão com os casos estudados e a teoria barthesiana é – não só o apontado anteriormente – mas o foco no *dramatis personae* proposto pela causa esperada. Por mais esdrúxulo que pareça, as infinitas linhas de carreira e linhas temporais criadas na matéria servem como apoio para fugir do tema “suicídio” e se manter no tema Chris Cornell. No caso, não somente “suaviza” a matéria, como foge a eventuais polêmicas acerca do tema e puxa os holofotes à vítima. Mas, neste momento, a vítima acaba virando protagonista.

7 Head Down³⁵ – Considerações finais

A partir da análise do corpus trabalhado neste artigo, é notável uma omissão por parte da mídia em falar do suicídio e dos vitimados por ele. Especialmente pelo fato de que a pauta das matérias – o cantor Chris Cornell – tem renome global, torna-se fácil encontrar fontes para a retratação da devastação que o suicídio pode causar. Mas, acima de tudo, algo que é indispensável quando o assunto em questão é a autodestruição, são grupos, números, entidades e qualquer tipo de instituição de auxílio a suicidas. Um dos principais tropeços dos quatro repórteres.

Ao passo em que as reportagens passam mais tempo falando da carreira do músico do que do sofrimento causado, das entidades que podem ajudar, o teor da pauta muda. Desta forma, deixa de ser “o suicídio de Chris Cornell” e passa se tornar “a carreira do músico, recém falecido, Chris Cornell”. Além disso, em nenhum momento durante o texto é bus-

cada alguma explicação para o auto assassinato. Não são destacadas alternativas ao suicídio (como terapias e diferentes formas de atendimento por pessoas especializadas) e, especialmente por se tratar de um considerado ícone, estes tópicos se tornariam importantes.

Como dito anteriormente, os *fait divers* são inerentes ao texto jornalístico. O negativo é o menosprezo da informação (e do compromisso com o público) para tentar provocar sensações no receptor, de forma que busque uma cativação da audiência apenas por prendê-la, sem um objetivo maior por trás. Do nosso ponto de vista, os autores das reportagens utilizaram-se de outros vieses, fugindo do tema principal.

A partir disso, há uma extrapolação do uso dos casos do dia, omitindo informações importantes de uma situação de grande repercussão. Ou seja, os artifícios categorizados pelo semiólogo francês acabam se manifestando na condução discursiva das matérias. Assim, quando utilizada, esta fuga – seja ela consciente ou inconsciente, voluntária ou involuntária – falta com o compromisso jornalístico de informar. E mais, com o compromisso social ao qual a profissão se dispõe. Especialmente por se tratar de uma das principais causas de morte no mundo contemporâneo.

8 Songbook³⁶ – Referências Bibliográficas

- Angrimani, D. (1995). *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo (SP): Summus.
- Barthes, R. (2013). A estrutura dos *fait divers* – íntegra. Disponível em <https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/10/barthes-a-estrutura-dos-fait-divers.pdf>. Acesso em: 11 de jun. 2017.

³⁵ Música presente no disco Superunknown. Sua tradução (livre) se dá por “cabeça baixa”, seu uso é em forma de analogia, como uma crítica à forma a qual o suicídio e as vítimas dele são trabalhados na mídia.

³⁶ Penúltimo álbum de Chris Cornell. Na tradução (livre),

Livro de Canções, analogia dos autores com a bibliografia utilizada.

- Barthes, R. (1964). *Essais critiques*. Paris: Seuil. Disponível em <https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/10/barthes-a-estrutura-dos-fait-divers.pdf>.
- Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Disponível em http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/código_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros..pdf. Acesso em 14 jun. 2017.
- Cruz, F & Curi, G. (2015). Communication Breakdown: A cobertura do show de Robert Plant no festival Lollapalooza à luz do fait divers. *Revista Famecos*. PUCRS. Porto Alegre (RS).
- Dodds, T. (2017). Prescribed Benzodiazepines and Suicide Risk: A Review of the Literature. *Physicians Postgraduate Press, 19*(2): 1-6. Disponível em www.psychiatrist.com/PCC/article/Pages/2017/v19n02/16r02037.aspx. Acesso em: 8 jun. 2017.
- Drugs (s.d.). Disponível em www.drugs.com/. Acesso em: 8 jun. 2017.³⁷
- UNIFESP (s.d.). Disponível em www2.unifesp.br/dpsicobio/drogas/barbi.htm. Acesso em: 8 jun. 2017.
- Ganz, C. & Leland, J. (2017, mai. 18). Chris Cornell, Soundgarden and Audioslave Frontman, dies at 52. *The New York Times*. Detroit. Disponível em www.nytimes.com/2017/05/18/arts/music/chris-cornell-dead-soundgarden.html. Acesso em: 8 jun. 2017.
- Grando, C. (s.d.). O suicídio na pauta jornalística. *Observatório da Imprensa*. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/o-suicidio-na-pauta-jornalistica/>. Acesso em: 9 jul. 2017.
- Observatório da Imprensa (s.d.). Disponível em <http://observatoriodaimprensa.com.br/sobre/>. Acesso em 12 jun. 2017.
- OMS (s.d.). *Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da imprensa*. Disponível em http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/67604/7/WHO_MNH_MBD_00.2_por.pdf. Acesso em: 8 jun. 2017.
- OMS. (s.d.). *Life Expectancy*. www.who.int/countries/usa/en/. Acesso em: 19 jun. 2017.
- OMS (s.d.). Disponível em www.who.int/mental_health/prevention/suicide/suicideprevent/en/. Acesso em: 9 jun. 2017.
- Ramos, R. (1999). *Anotações de sala de aula*. Porto Alegre (RS): PUCRS.
- Ramos, R. (2001). Roland Barthes: semiologia, mídia e fait divers. *Revista Famecos*, 8(14): 119-127. PUCRS. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3108/2383>. Acesso em 18 jun. 2017.
- Ramos, R. (2004). Mídia e Sensacionalismo: uma relação semiológica. *Revista da ADPPUCRS*, (5): 57-62. PUCRS.
- Trigueiro, A. (2015). *Viver é a melhor opção: a prevenção do suicídio no Brasil e no mundo*. São Bernardo do Campo (SP): Correio Fraternal.

³⁷ Todas as drogas foram consultadas no site [drugs.com](http://www.drugs.com).